

## ARTIGO

# Funcionamento dos Dispositivos de Poder na Mídia e na Educação: Uma Série Enunciativa do Caos?

*Functioning of Power Devices in the Media and Education: An Enunciative Series of Chaos?*

Kélvya Freitas Abreu\*, Orlando Silva de Oliveira\*\*, Maria Patrícia Lourenço Barros\*\*\*

**RESUMO:** O presente estudo visa refletir sobre a série enunciativa que vem moldando uma narrativa do caos em torno da educação brasileira ao longo dos anos. Em especial, tomamos como recorte temporal as materialidades proferidas na Grande Mídia e pela Mídia Alternativa após a posse do presidente Jair Bolsonaro (janeiro a maio de 2019). Assim sendo, através de uma pesquisa exploratória de base interpretativista, propomos analisar um conjunto de séries enunciativas e visualizar como um dispositivo ou vários dispositivos de poder atuam na materialidade discursiva em um dado tempo e espaço. Esse jogo discursivo foi vislumbrado à luz das categorizações propostas por Foucault (2006) e aprofundadas por Deleuze (1996) ao entender o funcionamento desse dispositivo (GREGOLIN, 2015, 2016). Como resultado, concluímos que a mídia perpetua narrativas de poder ao se associar ao discurso político, destinando espaço para certos dizeres.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mídia; Dispositivo de Poder; Educação.

**ABSTRACT:** The present study aims to reflect on the enunciative series that has shaped a narrative of chaos around Brazilian education over the years. In particular, we take as a temporal cutting the materialities uttered in the Mainstream and Alternative Media, after President Jair Bolsonaro's inauguration (January to May 2019). Thus, through an exploratory interpretative research, we propose to analyze a set of enunciative series and to observe how a device or several power devices act on discursive materiality in a given time period and space. This discursive game was glimpsed in the light of categorizations proposed by Foucault (2006) deepened by Deleuze (1996) in understanding the functioning of this device (GREGOLIN, 2015, 2016). As a result, we conclude that the media perpetuate power narratives by associating themselves with political discourse, making room for certain sayings.

**KEYWORDS:** Media; Power Device; Education.

## Linguagem em Foco

Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE

\* Doutoranda em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano. Salgueiro - PE. E-mail: [kelvya.freitas@ifsertao-pe.edu.br](mailto:kelvya.freitas@ifsertao-pe.edu.br)

\*\* Doutorando em Letras pela Doutorado Interinstitucional da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mestre em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Pernambuco. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano. Salgueiro - PE. E-mail: [orlando.silva@ifsertao-pe.edu.br](mailto:orlando.silva@ifsertao-pe.edu.br)

\*\*\* Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano. Salgueiro - PE. E-mail: [patricia.lourenco@ifsertao-pe.edu.br](mailto:patricia.lourenco@ifsertao-pe.edu.br)

 10.46230/2674-8266-11-2913

Distribuído sob



## INTRODUÇÃO

Em pleno século XXI, presenciamos uma grande guerra de narrativas em torno da educação pública brasileira. Essas narrativas, por um lado, defendem o ensino público e de qualidade nos quatro cantos do Brasil, já outras, por outro, criam um cenário de que a educação se encontra em meio ao caos, necessitando de uma salvação através de mudanças profundas e estruturais.

Nesse último caso, várias acusações da prática de doutrinação ideológica realizada por docentes e da consumação de badernas realizadas pelo alunado dentro de instituições são apresentadas à sociedade como exemplo da necessária salvação, purificação das instituições educacionais. Muitas dessas acusações são feitas por políticos<sup>1</sup>, porém, sem a apresentação de provas, de evidências reais, apenas fundamentadas em narrativas que reverberam como se fossem “lendas urbanas”.

Assim, em sua maioria, essas acusações, expondo informações descontextualizadas e diríamos deturpadas, são ainda realizadas por meio de diversos canais midiáticos, os quais possuem papel de grande destaque na construção e produção de sentidos na atualidade<sup>2</sup>. Contudo, outros espaços que não o da “mídia tradicional” apresentam por meio de uma mídia alternativa outras narrativas diversas. Principalmente, ao valer-se da velocidade de como são produzidas e consumidas essas “informações” por distintos sujeitos. Porém, essas narrativas podem, muitas vezes, ser carregadas de notícias falsas e até de teorias conspiratórias inimigáveis sobre variadas temáticas.

Portanto, é inegável que a mídia<sup>3</sup>, ao manusear o enunciado e conseqüentemente as relações de sentidos que são conduzidas por essa, acaba por transparecer o “jogo das relações de poder” (SILVA, 2008, p. 35). Deste modo, Silva (2008, p. 35) sinaliza em um de seus trabalhos a necessidade de: “[...] descrever os mecanismos agenciados pela mídia na produção e na circulação de sentidos na sociedade, a partir da articulação entre a materialidade e a memória discursivas, por meio das quais [...]” é possível explicarmos os efeitos de sentidos produzidos por um dado gênero dentro desse universo midiático.

É por meio das relações postas na “indústria cultural e [nos] meios de comunicação em massa que [...]” (STEINBERGER, 2005, p. 24), na atualidade, conseguimos recuperar nas séries enunciativas a forma como é construída a narrativa e, conseqüentemente, o apoio a determinados projetos de liderança, de poder, de controle de um certo contexto.

1 Como podemos observar em notícias também veiculadas na mídia:

\*<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/16/e-fake-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos.ghtml>

\*<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-e-ufba,70002809579>

2 Há quem acredite, por exemplo, no “kit gay” como projeto partidário, e que estava em execução por meio de obras didáticas a crianças em nosso país. Porém, até o presente momento não houve comprovação dessa implementação quer seja por lei, quer seja pela materialidade da obra, quer seja na apropriação no “chão da escola”. Ou seja, confirmando ecos de alterações das realidades visando criar como denominamos por uma “lenda urbana”.

3 Destacamos que o termo “mídia”, por sua vez, está relacionado a toda e a qualquer produção cultural de massa, em variados meios, quer seja por livros, charges, músicas, reportagens, notícias, entre outros. Para esse recorte, trabalhamos com o termo em sentido amplo.

É no próprio espaço da mídia que se estabelece o valor social de uma imagem de mundo como informação e como resposta, isto é, qual valor a sociedade irá consignar a essa imagem de mundo numa situação de troca. Isso se dá porque a mídia legitima, de um lado, o indicado para responder à pergunta, assim como sua resposta. De outro, legitima também a pergunta e o perguntador. Desse modo, controla os meios de produção de sentido e valor da informação tanto na fonte quanto na inserção numa práxis social. (STEINBERGER, 2005, p. 19).

Dessa forma, propomos nesta investigação refletir e ampliar o debate vivenciado na disciplina Discursos Midiáticos do Doutorado Interinstitucional do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano. No período de nossas atividades tivemos a oportunidade de (re)conhecermos e (re)visitarmos terminologias, textos, exemplificações sobre o que seria materialidade, contexto histórico, acontecimento discursivo, objeto do discurso, relações discursivas, práticas discursivas, dispositivos de poder e memória, segundo uma perspectiva Foucaultiana. Ao aproximarmos e aprofundarmos as leituras sobre o tema, fomos convidados a analisar um conjunto de séries enunciativas e visualizar como um dispositivo ou vários dispositivos de poder atuam na materialidade discursiva em um dado tempo e espaço.

Esse jogo discursivo será vislumbrado à luz das categorizações propostas por Foucault e aprofundadas por Deleuze (1996), ao entender o dispositivo “como um conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, leis, medidas, enunciados científicos” (GREGOLIN, 2016, s/p), entre outros, que acabam por evidenciar o dito e o não-dito, o dizer e o fazer. Isso é possível pois um dispositivo apresenta:

1. *Curvas de visibilidade* (regime de luz);
2. *Curvas de enunciação*;
3. *Linhas de forças* (os poderes – o que pode e quem autoriza o dizer);
4. *Linhas de subjetivação* (linhas de fugas).

Assim, para a análise do nosso corpus, primeiramente, faz-nos importante apresentar o contexto histórico posto sobre a educação no cenário brasileiro, para entendermos como o fio enunciativo foi construído na mídia tradicional/corporativa e nas mídias ditas como “alternativas”. Para posteriormente, revisitarmos a fundamentação teórica de base Foucaultiana para o debate da materialidade proposta.

## 1 EDUCAÇÃO – O CONTEXTO BRASILEIRO

O contexto educacional, no qual encontramos em pleno ano de 2019, é motivo de reflexões e análises do que vem sendo construído e desconstruído ao longo últimos anos. Todos os acontecimentos do presente nos remetem inevitavelmente a uma construção imagética e situacional do antes, do hoje e do futuro com relação à educação (nosso contexto/pano de fundo para este artigo).

Assim, as mudanças governamentais e as ideias que vem reverberando nas áreas da educação acabam por construir interpretações de situações que não agregam para a real construção do conhecimento,

do saber; nem na valoração do sujeito que precisa ser formado por meio de uma consciência cidadã, conforme preconizam os próprios documentos governamentais (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – BRASIL, 1996; Orientações Curriculares Nacionais do Ensino Médio – BRASIL, 2006; Base Nacional Comum Curricular – BRASIL, 2017); já que não há a prioridade em compreender a educação como uma alternativa para o desenvolvimento econômico, social, cultural e científico do país em ações de curto, de médio e de longo prazo independentemente de partidarismo. As ideias, na atualidade, ficam centradas em projetos educacionais que ganham um tom muito mais político-partidário que se esvaem em cada novo ciclo político. Por isso, de acordo com Gregolin (2015, p. 193): “Esse diagnóstico do acontecimento não tem o objetivo apenas de descobrir o que somos nós, no presente, mas de apontar possibilidades de recusarmos o que nos tornamos, traçando uma história crítica da subjetividade...”.

Logo, dentro do discurso educativo, mais especificamente, destacamos que perpassam variados grupos sociais, enquanto instituições de poder, que acabam por regular o que pode ser dito, como, quando e onde, e ainda sinalizam para quem ou sobre quais condições são colocados esses discursos. Assim, esses grupos acabam por escolher os métodos de ensino, os livros, o currículo e até mesmo a forma de interação entre alunos e professores, entre outros<sup>4</sup>.

De fato, a escola se torna um espaço complexo de interpelação de vários discursos ideológicos, pois, na organização como um todo da vida escolar perpassam ideologias relacionadas ao sexo, à idade, à etnia e à classe social. Eis então a reflexão e a ponte possível com Foucault, já que é “sobre as transformações históricas do fazer e do dizer na sociedade”, que as posturas, as práticas discursivas, “provocam fraturas, brechas e rearranjos nas configurações do saber, do poder e da subjetividade” (GREGOLIN, 2015, p. 192). Desse modo, podemos afirmar que um acontecimento através do discurso tomado como verdade tem uma “ordem do discurso” que acaba por determinar o que pode e deve ser enunciável sobre aquela verdade. “Por isso, para Foucault a verdade é da ordem do acontecimento, não é única nem atemporal, ela acontece sempre em um lugar e em um tempo. É, portanto, da ordem da história” (GREGOLIN, 2015, p. 192).

É importante, também, apontarmos que há interesses diversos sobre a educação e sua forma de oferta, inclusive interesses financeiros relacionados a organizações internacionais atuantes sobre a educação no Brasil. A exemplo temos o Banco Mundial que, segundo Silva (2016, p. 3), apresenta narrativas sobre a cultura da paz social e atenuação da pobreza. Contudo, suas preocupações são a de mão de obra barata, visto que suas preocupações “caminharam para a propagação do ensino técnico e posteriormente para o Ensino Fundamental, mas nunca propagaram a favor do ensino superior”.

Segundo Singer (1995, p. 5), as relações históricas e sociais estão diretamente relacionadas a políticas liberais e neoliberais na educação brasileira. O autor vai além no seu posicionamento, afirmando que o “universo dos educadores, educandos, administradores de aparelhos educacionais, políticos e gestores públicos está dividido e polarizado em duas visões opostas dos fins da educação e de como atingi-los”.

Dentro dessa divisão, Singer concebe a primeira como uma posição civil democrática, cujo objetivo consiste no processo de formação cidadã, no exercício pleno dos direitos e deveres posto pela democracia, centrando-se nos educandos das classes menos favorecidas.

<sup>4</sup> O que acontece na atualidade é que além desses grupos já legitimados, as dimensões políticos-partidários estão tomando ainda mais as rédeas frente grupos com maiores expertises, anos de estudos, investigações e pesquisas.

O grande propósito da educação seria proporcionar ao filho das classes trabalhadoras a consciência, portanto a motivação (além de instrumentos intelectuais), que lhe permita o engajamento em movimentos coletivos visando tornar a sociedade mais livre e igualitária [...] O laço que une os procedimentos educativos é o respeito e a preocupação pela autonomia do educando, portanto, pela autoformação de sua consciência e pela sua gradativa capacitação para se libertar da tutela do educador e poder prosseguir, sozinho ou em companhia de seus pares, sua auto-educação. (SINGER, 1995, p. 5).

Contrapondo a posição civil democrática, Singer (1995, p. 6) nos traz a visão produtivista, no qual a educação escolar deve preparar os alunos para o ingresso na divisão social do trabalho. Traduz-se, portanto, como uma posição muito relacionada à acumulação de capital: “educar seria primordialmente isso: instruir e desenvolver faculdades que habilitem o educando a integrar o mercado de trabalho o mais vantajosamente possível”.

Dada essa dicotomia, posição civil democrática versus posição produtivista, encontramos subjacente a elas as concepções de como a sociedade e a economia funcionam, revelando assim legados ideológicos opostos. De acordo com Singer (1995), a ideologia democrática deixa em patamares uniformes a igualdade e a liberdade, na tentativa de homogeneizar as oportunidades de trabalho, de acesso à educação, à saúde, entre outros, nas mais diversas classes sociais.

Porém, alguns traços democráticos foram incorporados por outras ideologias, que não possuem na sua finalidade os ideais de homogeneização das classes sociais. É o caso do liberalismo, que visava a suposta igualdade entre os homens por meio da competição do mercado: quem não se saísse bem na sua competição, não teria acesso às riquezas ou aos benefícios. Ou seja, quase não haveria/há oportunidades de mobilidade entre classes sociais, uma vez que os meios para se conseguir não são igualitários/homogêneos para sujeitos de distintos poderes aquisitivos.

Já entre as décadas de 30 e 60, do século passado, a corrente liberal associou traços democráticos à sua ideologia, ficando conhecida como uma ideologia liberal-democrática. Essa obteve força política por meio do Estado de bem-estar social, caracterizado pela universalização do ensino público, serviços sociais aos desempregados, corporativismo, entre outros. Mas, relacionado à visão produtivista da educação, surge na década de 70, a política neoliberal. Para Singer (1995), os problemas que enfrentamos hoje na área educacional provém justamente dessa política neoliberal, pois, ela reformulou os ideais liberais em prol da não intervenção do Estado ou que esse minimizasse a sua participação, buscando promover a provável eficiência gerada pela competição e a livre escolha de cada indivíduo. Criticam-se, então, nessa perspectiva, as políticas de democratização do ensino, pois, acredita-se que o resultado da gratuidade desse, seria um aluno passivo e sem incentivo em modificar sua situação social (política de paternalismo).

Segundo Dourado (2002, p. 236), “esse mote político e econômico, [...] implicou na última década uma maior concentração de riquezas, incremento da corrupção, privatização da esfera pública e, conseqüentemente, o alargamento das injustiças sociais e intensificação dos processos de exclusão social”. De fato, os governos, anteriores ao ano 2002 e posterior a 2016, possuíam<sup>5</sup> discursos que estavam

5 Nos governos tidos como de “esquerda” amenizaram esse olhar com o ensino superior ao tentar ampliar o acesso à grande parte da população, quer seja por meio da expansão da rede, quer seja por intermédio do PROUNI (Programa Universidade para Todos). Ou seja, o pensamento “antiuniversitário” existente, segundo Silva (2016), “reprimiu a propagação das ideais marxistas presentes entre os intelectuais que atuavam nas universidades públicas e

alinhados à ideologia defendida pelo Banco Mundial e apontada por Silva (2016): “o ensino superior deveria ser visto como investimento pessoal e não como dever ou investimento do estado”.

Diante disso, a série narrativa foi sendo (re)construída após o governo Dilma, tomando a linha narrativa de que foram feitos muitos investimentos para a implantação de ideários de esquerda na educação. Isto é, que a educação brasileira estava “emprenhada” com o que havia de podre na proposta dos governos Petistas. Assim, a ideia de educação para todos, de forma pública, gratuita e de qualidade passa a ser colocada à prova, tendo sua credibilidade questionada, pois instigam o imaginário coletivo de que servidores, docentes, seriam doutrinadores de um ideário socialista<sup>6</sup>.

Logo, todos esses pontos encontram no discurso educativo espaço para incorporar e disseminar discursos sociais e políticos, “cuja análise e interpretação não são uniformes ou padronizadas” (DOURADO, 2002). Mas, quando a mídia legitima esses discursos, reverberando certas “verdades”, o que ocorre? Essa será a nossa próxima reflexão.

## 2 MÍDIA E EDUCAÇÃO, UMA SÉRIE ENUNCIATIVA DO CAOS?

Silva (2008, p. 36) diz que: “Concebido como prática discursiva, Foucault localiza o discurso entre a estrutura e o acontecimento, isto é, como o espaço onde se cruzam língua e história, lugar onde é possível vislumbrar a relação da língua com sua exterioridade. [...]” (). De fato, é através dos registros históricos coletivos que a memória discursiva se faz presente. A exemplo disso, temos o posicionamento do atual presidente da república, Jair Bolsonaro, publicando em suas redes sociais que iria fazer uma “Lava Jato da Educação”, buscando reavivar a memória coletiva em torno da operação Lava Jato, a qual contribuiu para impulsionar sua candidatura na eleição presidencial de 2018.

Michel Foucault, em seu texto “Outros Espaços” (1967), trabalha a noção basilar de heterotopia, propondo a metáfora do navio, essa sendo uma heterotopia por excelência. Segundo o autor, a “época atual seria talvez de preferência a época do espaço. Estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso” (FOUCAULT, 2006, p. 411). Diante disso, Gregolin (2015) afirma que na modernidade é possível vislumbrar essa marcação de espaços heterotópicos, uma vez que se traduzem como ambíguos, ou seja, “convivem diferentes objetos e temporalidades”, redefinindo assim esse espaço e propondo que a heterotopia por excelência do século XXI é a *web*.

Não diferentemente, as materialidades aqui expostas foram coletadas nessa *web*, nesse ciberespaço, onde o dito e o não-dito produzido pela mídia se aproximam, se distanciam e criam linhas de forças que nos convidam a refletir sobre as subjetivações dadas aos discursos sobre a Educação no contexto brasileiro. Para tal, enfatizamos, segundo Gregolin, que esse não era o objetivo ou objeto de análise de Foucault produzir e propor uma teoria discursiva, contudo a autora ressalta que:

---

disseminou o argumento de que as universidades públicas brasileiras só atendiam à elite, sendo inacessível à maioria da população” ao longo dos anos que a educação não era a prioridade.

<sup>6</sup> Matéria em que o presidente compartilha vídeo de formatura para atacar “doutrinação ideológica”: <https://revistaforum.com.br/politica/bolsonaro-compartilha-video-de-formatura-para-atacar-doutrinacao-ideologica/>

[...] problemáticas foucaultianas estão, sempre, articuladas a uma reflexão sobre os discursos: pressupondo que as coisas não preexistem às práticas discursivas, Foucault entende que estas constituem e determinam objetos. É, pois, a partir da reflexão sobre as transformações históricas do fazer e do dizer na sociedade ocidental – práticas discursivas que provocam fraturas, brechas e rearranjos nas configurações do saber, do poder e da subjetividade – que se edifica o pensamento foucaultiano. (GREGOLIN, 2015, p. 192).

Nesse sentido, cumpre sinalizar que outro ponto importante para a compreensão da mídia como dispositivo é o conceito de “verdade”, a qual surge como ordem do acontecimento relacionado ao contexto sócio histórico e acaba por evidenciar como os discursos passam a ser controlados por uma espécie de “polícia discursiva” que ativamos em nossos próprios discursos. Assim, outro conceito, que é o da subjetividade, pode ser compreendido como “efeito de processos de subjetivação modificáveis e plurais” (GREGOLIN, 2015, p. 192). Em outras palavras, a subjetividade é construída socialmente entre as relações postas entre linguagem e história, entre linguagem e contextos sociais e o próprio sujeito do discurso.

Para isso, Gregolin ressalta duas razões teórico-metodológicas seguindo essa linha Foucaultiana:

[...] a) a natureza semiológica do conceito foucaultiano de enunciado incorporado ao dispositivo teórico da Análise do Discurso permite explicar as formas híbridas das discursividades contemporâneas, que envolvem múltiplas materialidades; b) a análise das relações entre dispositivos de saber e poder e as formas de produção e circulação de discursos na atualidade, permite pensar as transformações nas formas de dizer e nas visibilidades determinada pelas tecnologias. (GREGOLIN, 2015, p. 193).

Para o recorte proposto, serão analisadas as materialidades relacionadas à mídia como dispositivo de poder. Segundo Deleuze (1996, p. 01): [...] desenredar as linhas de um dispositivo, em cada caso, é construir um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas, é o que ele chama de ‘trabalho de terreno’ [...]. Assim, revisitamos as quatro características de um dispositivo para nossas análises, buscando compreendê-las na atuação de série enunciativa sobre a educação, conforme descrito a seguir.

1. *Curvas de visibilidade* (regime de luz);
2. *Curvas de enunciação*;
3. *Linhas de forças* (os poderes – o que pode e quem autoriza o dizer);
4. *Linhas de subjetivação* (linhas de fugas).

Cumpre sinalizarmos e ressaltarmos que nosso objetivo não é de (re)construirmos a narrativa da grande mídia sobre o caos na educação por meio de um sem fim de exemplos, mas, propomos analisar algumas materialidades por meio de um recorte temporal. Assim sendo, tomamos como norte metodológico deste estudo de base qualitativo-interpretativista os cinco primeiros meses do Governo Bolsonaro. Além disso, em nosso escopo trouxemos à baila um exemplo da grande mídia associada a um exemplo da mídia alternativa sobre um dado tema. Logo, trouxemos as materialidades por meio de figuras/imagens, para em seguida aprofundarmos o debate sobre as características do dispositivo, conforme se expõe a seguir.

Conforme informamos, vamos retomar os exemplos associando a uma certa cronologia das notícias veiculadas que propõe trazer como narrativa de verdade: “educação como um caos”. Isto posto, através

da Figura 1 (subdividida em Figura 1a e 1b), durante o primeiro mês do governo Bolsonaro, percebemos como a mídia corporativa (Figura 1a), representada pelo site Exame, utilizando uma linguagem formal e objetiva, característica desse espaço/desse grupo, expõe a alegação apresentada pela atual gestão federal de que a mudança nas referências dos livros didáticos foi feita na gestão anterior, governo Temer.

**Figura 1 – Livro didático sem fontes**



(a) Grande Mídia<sup>7</sup>  
Fonte: (a) Site Exame<sup>8</sup>; (b) Blog Mário Adolfo<sup>9</sup>.

Cabe-nos, portanto, contextualizar que naquele período houve a discussão em torno de uma possível autorização de no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) ser possível aprovarem obras que não houvesse referências, que fizessem possíveis publicidades, além de tornarem menos rígidos o processo de revisão e impressão desses materiais. Não tendo nenhuma relação com o que fora bastante veiculado no período eleitoral a respeito do uso de “kit gay” nesses processos de aprovação do PNLD. Contudo, como o discurso tomado pelo atual governo de que o caos na educação não é feito ou motivado por eles, mas sim pelos outros, por outros grupos políticos que se mantiveram no “poder” ao longo dos últimos anos, eles somente estariam ali para salvar a educação.

Já na mídia alternativa (Figura 1b), podemos observar como se apresenta o mesmo fato, através do gênero charge. Ou seja, de forma mais cômica, opondo-se à formalidade presenciada na manchete exibida pela mídia tradicional ao trazer a frase “Toma que o filho é teu!”, mostrando como o governo tenta se livrar da responsabilidade dos atos do Ministério da Educação (MEC), jogando essas responsabilidades aos outros, aos governos que fazem e produzem o caos.

Enfatizamos ainda que a charge também se opõe à foto do site Exame trazendo a possibilidade de mais campos de interpretação, visto que a interpretação entra onde a língua falta. Como diz Deleuze (1996), o dispositivo tem linhas de sedimentação, mas também de fissuras, de fraturas. Ao trazer o

7 Tomamos como Grande Mídia, as mídias que já possuem uma certa historicidade, respaldo, tradição diante do cenário brasileiro e que detêm grandes veículos de propagação de notícias. Ao passo que Mídia alternativa nasce com a possibilidade na atualidade de se construir outros espaços de “verdade”, mas que não possuem o espaço das grandes mídias, mídias corporativas.

8 Site Exame: <https://exame.abril.com.br/brasil/mec-anula-edital-que-liberava-livro-didatico-com-informacao-sem-fonte/>

9 Blog Mário Adolfo: <https://www.blogdomarioadolfo.com.br/dito-feito-toma-que-o-filho-e-teu/>



cômico e um ditado popular, o discurso “oficial” é apresentado sob uma nova ótica. Isso quer dizer que a curva de visibilidade recai em seu regime de luz ao foco que o dispositivo queira ressaltar. Principalmente ao marcar o hibridismo do gênero e suas potencialidades, pois como é posto na parte imagética da charge há a possibilidade de compartilhar a outros horizontes por meio de redes sociais ou até mesmo por aplicativos de mensagens como o *WhatsApp*, por exemplo.

Na Figura 2, trouxemos duas materialidades da Grande Mídia. Assim, nos foi/é possível perceber o grupo Veja com dois estilos de apresentação em torno da mesma notícia. No site do grupo é anunciado que “Vélez Rodríguez é demitido e Bolsonaro anuncia novo ministro da Educação”, além da grande manchete é também apontada a crise que a pasta da educação enfrentava desde o início da gestão Vélez por meio do *lide*. Já na capa da edição nº 2628 da Revista Veja o grupo editorial preferiu apresentar o Ricardo Vélez Rodríguez de forma cômica, na figura do aluno baderneiro, com a manchete “A incrível baderna na educação”.

Nesta materialidade, percebemos que a mídia corporativa apresenta o mesmo sujeito, o Ricardo Vélez, de modos diferentes com base no público para o qual a matéria se destina, o que acessa o site ou o que assina a revista (visualizando as linhas de forças que a mesma editora tem). Observamos ainda como em março de 2019 perdurava a ideia de que a educação brasileira precisava, necessitava de salvação, que essa se encontrava em um caos. Até mesmo o gestor maior fora retratado como a figura de um aluno “bobo”, “burro”, que merece o castigo, trazendo ao imaginário social um período educacional que estar com um chapéu e um banquinho na sala retomava-se a esses adjetivos e ações. Alinhados a isso, a imagem construída, curvas de visibilidade e de enunciação, mostra que a sala de aula se encontra em meio a uma “bagunça”.

Figura 2 – Demissão do ministro e dificuldade no MEC



(a) Grande Mídia<sup>10</sup>

(b) Grande Mídia

Fonte: (a) Site do grupo Veja; (b) Capa da edição 2628 da revista Veja.

10 Site da revista Veja: <https://veja.abril.com.br/politica/ministro-da-educacao-velez-e-demitido-por-bolsonaro/>

Revista Linguagem em Foco	Fortaleza, CE	v. 11 n. 2	ISSN 2674-8266
---------------------------	---------------	------------	----------------

Já na Figura (3a), o site Agência Brasil apresenta a manchete “Na Câmara, Weintraub diz que prioridade do governo é educação básica”. Essa manchete está alinhada à narrativa do governo de que os cortes na verba do ensino público superior, vivenciados entre abril e maio de 2019, eram uma forma de investir mais na educação básica, pois, segundo a gestão de Bolsonaro, o Brasil investe muito no ensino superior e pouco na educação básica. No corpo da matéria percebemos ainda o alinhamento da fala do ministro Weintraub com os objetivos do Banco Mundial apontados por Silva (2016) já expostos na seção teórica deste estudo: “Se a gente não alfabetizar bem a população, a gente vai continuar, principalmente no ensino técnico e no ensino médio, tendo uma sociedade com grandes discrepâncias de renda. Temos que elevar a qualidade do ensino e da aprendizagem, promover a cidadania na alfabetização”.

Paralelamente a isso, canais de mídia alternativa mostram que a realidade seria outra. Como pode ser visto na Figura (3b), o grupo Mídia Ninja publicou em sua página do Facebook algumas fotos de estudantes dos Institutos Federais protestando contra os cortes de verbas que haviam e ainda estão prejudicando os campi daquela instituição. Porém, salientamos que os Institutos Federais são instituições, também, de ensino básico e técnico, fato que contraria a narrativa apresentada pelo ministro como justificativa aos cortes de verba na educação pública naquele dado período.

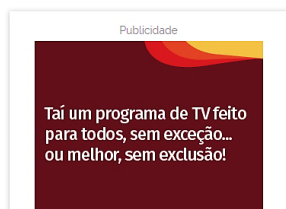
**Figura 3 – Educação básica como prioridade**

Educação

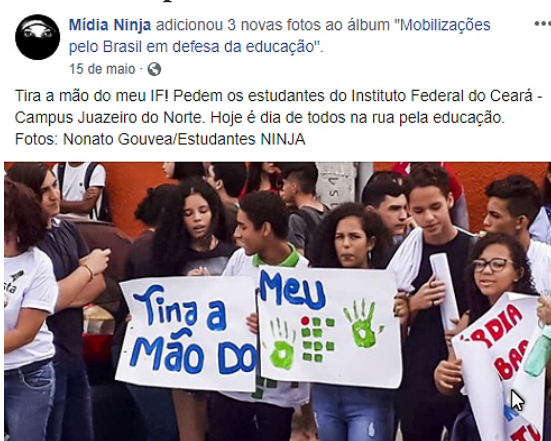
## Na Câmara, Weintraub diz que prioridade do governo é educação básica

Publicado em 15/05/2019 - 17:57 Por Marcelo Brandão e Heloisa Cristaldo - Repórteres da Agência Brasil Brasília

O ministro da Educação, Abraham Weintraub, disse hoje (15), em comissão geral no plenário da Câmara dos Deputados, que alfabetização é prioridade da pasta e tem sido tratada pelo governo federal “como um instrumento de superação das desigualdades sociais do país”.



(a) Grande Mídia



(b) Mídia Alternativa

Fonte: (a) Site Agência Brasil<sup>11</sup>; (b) Rede social de Mídia Alternativa.

Ao passo que as manifestações contra os cortes foram ocorrendo e sendo mais evidenciadas pelas mídias alternativas, o atual governo foi intensificando a ideia que as instituições públicas, em especial, as universidades acabam por criar e incentivar “balbúrdias” e serem centros de ideias comunistas. Já ao correlacionar à educação básica, foi se intensificando a ideia de que os docentes manipulam e doutrina crianças e adolescentes. Por isso, eles (grupo pró-governo) justificam os alunos serem usados como “massa de manobra”, conforme se expõe na figura 4.

Dessa forma, diante da materialidade da série enunciativa sobre a educação que foi apresentada ao longo desta investigação, observamos que a mídia corporativa buscou/busca dar visibilidade a alguns

11 Site Agência Brasil: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2019-05/na-camara-weintraub-diz-que-prioridade-do-governo-e-educacao-basica>

enunciados, ao passo que as mídias alternativas dão visibilidade a versões ou fatos ignorados pela mídia corporativa, tal característica denota as curvas de visibilidade do dispositivo mídia conforme já expunha Deleuze (1996).

**Figura 4 – Educação como caos**

GOVERNO BOLSONARO

## Bolsonaro diz que manifestantes contra cortes na educação são idiotas úteis e massa de manobra

Nos EUA, presidente afirma que alunos são militantes usados como instrumento político de "espertalhões"



Fonte: Site Folha UOL<sup>12</sup>

De fato, ao analisarmos as narrativas apresentadas pela mídia com um olhar mais crítico, percebemos melhor as curvas de enunciação do dispositivo, ou seja, o que é apresentado explicitamente nas manchetes e capas de jornais e revistas e o que é dito superficialmente ou nem é apresentado. No tocante às linhas de força do dispositivo, é possível notarmos que o governo tem um espaço de divulgação privilegiado na grande mídia, podendo apresentar seu posicionamento sobre o que é e como gerir a educação, conferindo-lhes dessa forma uma imagem de autoridade sobre o assunto. E por fim, através da subjetivação o governo através da mídia busca realizar um processo de individuação de grupos/pessoas quando afirma que irá tirar recursos da educação pública superior para investi-los na educação básica. Com efeitos, eles não aceitam a reação de uma outra parcela da sociedade ao se manifestarem, por exemplo.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso propósito foi analisar uma série narrativa por meio de enunciados da Grande Mídia e da Mídia Alternativa sobre a educação pública brasileira sob à luz do conceito foucaultiano de dispositivo de poder. Desse modo, nos foi possível perceber como a mídia, o governo e a educação atuam como dispositivos de poder na manipulação da memória discursiva da população.

Deste modo, em suas atuações ou funcionamentos, esses dispositivos se utilizam de variadas estratégias na busca de alcançar seus objetivos. Conforme expusemos, Deleuze retoma as características de um dispositivo por meio de suas curvas de visibilidade e enunciação, somadas a linhas de forças e de

12 Site Folha UOL: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/05/bolsonaro-diz-que-manifestantes-contracortes-na-educacao-sao-idiotas-uteis-e-massa-de-manobra.shtml>

subjetivação. Assim através das manchetes apresentadas e das análises feitas percebemos que em especial, a Grande Mídia coaduna com o projeto de governo ao reverberar a ideia do “caos na educação”, dando ênfase e escolhas linguísticos-visuais a como reforçar a forma como é dito o fato, transformando-o em acontecimento discursivo. Dessa forma, acabam não atribuindo responsabilidade dos atos do ministro da educação (o anterior e o atual) a quem o escolheu, isentando assim a figura do atual presidente e da sua gestão dos problemas que ocorreram e que ainda ocorrem na pasta da educação.

Enfatizamos ainda que, apesar do breve recorte, os “ataques” em torno da educação, sobretudo à pública brasileira, deixam margens para que em pesquisas futuras sejam observadas o direcionar dessas narrativas, quer seja demarcando um período temporal maior do governo Bolsonaro, quer seja de como foram construídas em outros governos essas narrativas.

Portanto, sinalizamos em nosso estudo que as ações em torno da educação necessitam de planejamento a curto, médio e longo prazo e que se distanciem de manejos políticos-partidários, mas que seja um projeto de nação: educar para formar, educar para produzir, educar para ser! Que o conhecimento, a pesquisa, a inovação e a educação em si não sejam focos deturpados da mídia, pois em nosso país muito se fez e se faz pelo ensino na busca de avançar cada vez mais a nossa sociedade. E nós, como docentes da rede pública de ensino que visamos em nosso trabalho fazê-lo com excelência apesar de todas dificuldades de infraestrutura e de falta de material, no qual passamos, temos o dever e o compromisso social em desmistificar e acabar com certas “lendas urbanas”.

## REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. O que é um dispositivo? In: \_\_\_\_\_. *O mistério de Ariana*. Tradução e prefácio de Edmundo Cordeiro. Lisboa: Vega – Passagens, 1996. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/48275693/O-que-e-um-dispositivo-Gilles-Deleuze>>. Acessado em: 01 set. 2019.

DOURADO, L. F. Reforma do Estado e as políticas para a educação superior no Brasil nos anos 90. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 80, 2002.

FOUCAULT, M. Outros espaços. In: \_\_\_\_\_. *Estética: literatura, música e cinema*. Tradução de Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 411-421 (Coleção Ditos e Escritos, v. III).

GREGOLIN, M.R. Discursos e imagens do corpo: heterotopias da (in)visibilidade na WEB. In: FLORES, G.G.; NECKEL, N.R.F.; GALLO, S.M.L. (Orgs.). *Análise do discurso em rede: cultura e mídia*. [S.l.: s.n.], 2015. p.191-203.

GREGOLIN, M. R. *Análise do Discurso com Michel Foucault* Ep. 02, Os dispositivos. 2016. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=555&v=IpMURaG9hYc](https://www.youtube.com/watch?time_continue=555&v=IpMURaG9hYc)> Acessado em: 01 set. 2019.

SILVA, F. P. Mídia e produção dos sentidos: das traquinices que povoam o enunciado. In: OLIVEIRA, M. B. F.; ALVES, M. P. C.; SILVA, M.P. (Orgs.). *Linguagem e práticas sociais: ensaios e pesquisas*. Natal: EDFRN, 2008.

SILVA, I. B. G. O Banco Mundial e as políticas educacionais. *Ciclo Revista*, v. 1, n. 2, 2016.

SINGER, P. Poder, política e educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-15, jan./abr. 1996.

STEINBERGER, M. B. *Discursos geopolíticos da mídia: jornalismo e imaginário internacional na América Latina*. São Paulo: EDUC; Fapesp; Cortez, 2005.